

Movimento pela memória contra obras no cemitério associado à matança de Badajoz

Carlos Dias

Os autarcas extremenhos querem substituir o muro actual, que se encontra em perigo de derrocada, por uma construção nova

● O movimento cívico português *Não Apaguem a Memória* pediu à Junta Regional da Extremadura para que sejam travadas as obras de construção de um novo muro em redor do cemitério de San Juan, local onde tiveram lugar fuzilamentos e a incineração de milhares de pessoas durante a Guerra Civil espanhola, que as tropas franquistas catalogavam de *rojos* (comunistas).

O estado de degradação que se está a verificar no muro que ladeia o tristemente célebre cemitério de Badajoz levou os autarcas do *ayuntamiento* de Badajoz a elaborar um projecto para a substituir a actual estrutura, que ameaça aluimento. O movimento *Não Apaguem a Memória* quis assumir, desta forma, o seu apoio à luta que está a ser desencadeada pela Associação para a Recuperação da Memória Histórica da Extremadura, contra o derrube do actual muro do cemitério.

Através de uma carta enviada à Junta da Extremadura, o movimento português classificou o derrube da histórica parede onde muitos republicanos foram encostados para serem fuzilados como “um atentado contra o património” e pediu ao seu congénere extremeño que defenda “os símbolos locais do terror golpista de 1936 praticado no cemitério de Badajoz”, lembrando que também



DANIEL ROCHA

Povo de Barrancos salvou mais de mil refugiados

persegue o mesmo objectivo em Portugal, para que “não se apague a memória da luta contra a ditadura de Salazar”.

Na carta enviada às autoridades espanholas, o movimento *Não Apaguem a Memória* lembra que em Portugal, como em Espanha, existe “um inimigo na defesa do património”, referindo-se à “pressão dos agentes imobiliários para reconverter espaços e edifícios marcados de forte simbolismo pela repressão fascista” perante a indiferença dos organismos do Es-

tado, que estão “ausentes na defesa dessa memória”.

Pormenores dos trágicos acontecimentos que tiveram lugar no cemitério de Badajoz, em 1936, estão retratados no livro *Barrancos na encruzilhada da Guerra Civil de Espanha - Memórias e Testemunhos*, de Maria Dulce Antunes Simões, editado em Setembro de 2007 pela Câmara Municipal de Barrancos. A dado passo, o livro recorda que, num dos períodos mais negros da história peninsular, “havia iniciativas da Legião Portugue-

Fumaceira

Corpos incinerados no cemitério de San Juan

O resultado da chacina na praça de touros espanhola, como se recorda na obra de Maria Dulce Simões, redundava “na fumaceira” produzida pela incineração dos corpos no cemitério onde o *ayuntamiento* de Badajoz quer agora fazer obras. O fumo negro “via-se em Portugal”, descreve o testemunho de um português que observara de perto a “matança de Badajoz”. Algumas das vítimas tinham sido trazidas de Portugal onde se refugiaram para fugir à guerra. Só para Elvas tinham vindo mais de dois mil fuzilados, enquanto em Barrancos o povo local salvou mais de mil refugiados de serem fuzilados na praça de touros ou no cemitério de Badajoz.

sa de Beja que realizava excursões em autocarro a Badajoz, só para assistir aos fuzilamentos dos *rojos*”.

Para além do cemitério de San Juan, os prisioneiros capturados ou que se tinham rendido eram “encurrallados na praça de touros (de Badajoz) e fuzilavam-nos às centenas”. O comandante das tropas franquistas, general Yagüe, admitiu aos jornalistas que à época faziam a cobertura do dramático acontecimento, que “os fuzilamentos andariam à volta dos dois mil”.